



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

Luana Veloso Grace Torres

Memória, corpo e identidade: a ressignificação da potência feminina
na obra “A Cidade das Damas” de Christine de Pizan

Brasília
2022

Luana Veloso Grace Torres

Memória, corpo e identidade: a resignificação da potência feminina
na obra “A Cidade das Damas” de Christine de Pizan

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História
do Instituto de Ciências Humanas da
Universidade de Brasília, como parte das
exigências para a obtenção do grau de
licenciada em História sob orientação da
Professora Dra. Cláudia Costa Brochado.

Data da defesa oral: 28 de setembro de 2022.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Cláudia Costa Brochado (Orientadora) - Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a. Susane Rodrigues de Oliveira - Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a. Marina Thomé Bezzi - Universidade de Brasília

Brasília

2022

Agradecimentos

Agradeço à minha família pela presença, apoio e expressões de afeto diários.

Agradeço à minha orientadora Cláudia Costa Brochado pela sua confiança, calma e competência que me incentivaram a desenvolver esta pesquisa.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória até aqui e que continuam acreditando na importância da educação.

Agradeço aos meus amigos por tornarem os meus dias mais bonitos e felizes, por cuidarem de mim com tanto amor e por serem uma fonte de aprendizado, de persistência e de força.

Agradeço a Universidade de Brasília por me ensinar novas maneiras de enxergar a vida e por me mostrar caminhos para que eu pudesse me reencontrar.

Agradeço ao CNPQ por apoiar a minha pesquisa por meio da bolsa de iniciação científica ao longo do meu PIBIC.

Resumo

Esta pesquisa propõe uma análise introdutória da obra “A Cidade das Damas”, de Christine de Pizan (1364-1430), com ênfase na importância do seu posicionamento em defesa das mulheres. Observa-se que Pizan busca provocar a reflexão e construir uma narrativa pautada pela possibilidade de aprendizagem e desenvolvimento coletivos. Para entender o seu posicionamento, partimos da citada obra em diálogo com a bibliografia de pesquisadoras especialistas nos temas que aqui tratamos.

Palavras-chave: Christine de Pizan; Memória; Cidade das Damas; Querela das Mulheres; Idade Média.

Abstract

This research aims to do an introductory analysis of the work City of Ladies, by Christine de Pizan (1364-1430), with an emphasis on the importance of her position in defense of women. It is observed that Pizan seeks to provoke reflection and build a narrative guided by the possibility of collective learning and development. To understand its position, we start from the work City of Ladies as the center of the research and its confrontation with the bibliography of researchers specialized in the themes that we deal with here.

Keywords: Christine de Pizan; Memory; City of Ladies; Querelle des Femmes; Middle Ages.

Sumário

Introdução	5
Capítulo 1: uma cidade feita de gestos e palavras	10
Capítulo 2: Christine de Pizan e a política do seu tempo	15
Considerações finais	23
Referências Bibliográficas	25

Introdução

A escritora Christine de Pizan nasceu em Veneza em 1364 e aos três anos se mudou para Paris com a sua família. Em Paris, seu pai Thomas de Pizzano foi contratado para trabalhar diretamente com o rei Carlos V da França, o que possibilitou que Pizan tivesse acesso ao ambiente da corte francesa e a uma educação de qualidade. Posteriormente, Christine de Pizan se casou com Etienne du Castel, secretário do rei, com quem teve um matrimônio feliz, como ela mesma diz. Porém, em razão da morte de seu pai em 1386 e de seu marido em 1389, Pizan precisou assumir a responsabilidade de cuidar da sua família. Esta responsabilidade implicava a sua sustentação financeira, bem como a da sua filha, dos seus dois filhos, da sua mãe e da sua sobrinha. Tais acontecimentos marcantes na vida da Christine de Pizan tiveram forte impacto na sua dedicação à escrita, que se tornou o meio de sustento seu e da sua família (VARGAS MARTINEZ, 2009, p. 21-46).

Devido a seu acesso ao ambiente da corte, Pizan foi apoiada por aristocratas e outras pessoas influentes do seu meio que contribuíram para que as suas obras tivessem grande alcance e notoriedade, já que essas pessoas compraram os seus livros e a escolheram para realizar trabalhos, em que podemos mencionar o apoio do duque Felipe de Borgonha. Ela conseguiu assim ser a primeira pessoa de letras do reino a quem se encarregou uma tarefa semioficial, fato que a tornou a primeira cronista da Corte e possibilitou que ela trabalhasse como copista e participasse da produção dos seus manuscritos. A autora produziu uma grande quantidade de obras até o ano da sua morte, em 1430, quando tinha sessenta e seis anos (VARGAS MARTINEZ, 2009, 24-25).

Dentre a sua produção literária, foram conservadas trinta e sete obras escritas em gêneros literários diferentes em que a autora se posicionou em defesa das mulheres. Para mencionar alguns desses gêneros e recursos, Pizan explorou em seus textos a alegoria, a epístola, a autobiografia, a lírica e a prosa, como observa Ana Vargas (2009). Além da riqueza da sua escrita, as suas obras tiveram forte impacto sobre a sua época por tratarem de temas como a educação feminina e a participação das mulheres na política. Quando Pizan escreveu a obra “A Cidade das Damas”¹ em 1405, que é a fonte histórica deste

¹ PIZAN, Christine de. A Cidade das Damas. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2012.

trabalho, ela já era reconhecida como uma importante escritora e as suas obras já tinham influência fora da França (VARGAZ MARTINEZ, 2009, p. 25). Como escreve Ana Vargas (2009):

“[...] Cuando *La Ciudad de las Damas* irrumpió en el panorama literario francés, Christine era famosa ya por su obra, pero sobre todo era conocida por haber intervenido en el famoso debate literario acontecido en Francia, que comenzó en 1401” (VARGAS MARTINEZ, 2009, p. 26).

Dividida em três partes: o Livro I, o Livro II e o Livro III, “[...] *La Ciudad de las Damas* es una obra escrita simbólicamente en forma de ciudad, ciudad que va construyéndose paralelamente, o a medida, que se construye el libro (VARGAS MARTINEZ, 2009, p. 28), onde a autora desenvolveu, de maneira progressiva, o seu posicionamento em defesa das mulheres. Ela questionou assim a grande quantidade de obras antifemininas que foram publicadas por autores antigos e contemporâneos seus. Quando ela se posicionou em defesa das mulheres por meio da publicação dos seus textos, ela escreveu sobre questões que atravessaram a vida das mulheres ao longo do tempo.

É a narrativa do processo de construção de uma cidade segura para as mulheres habitarem, em que a autora descreveu os materiais utilizados e as ferramentas necessárias para que a cidade se concretizasse, se sustentasse e prosperasse. O processo, os materiais e as ferramentas que são descritos na obra foram construídos simbolicamente pela autora tendo como fonte de inspiração os conhecimentos e as experiências das mulheres que ela utiliza como exemplos. São elas também que a estimulam a construir essa cidade onde possam habitar futuramente, “uma fortaleza onde se retirem e se defendam contra tão numerosos agressores” (PIZAN, 2012, p. 59).

No Livro I, que é o foco deste trabalho, estão as primeiras reflexões da autora sobre a sua própria vida e sobre a vida das outras mulheres, onde ela se pergunta por que autores renomados publicaram obras que difamavam e menosprezavam as contribuições femininas para o mundo. É no Livro I que ela introduz o seu posicionamento em defesa das mulheres, que é desenvolvido ao longo de toda a sua obra. No Livro I está também a introdução da sua crítica aos autores antifemininos, o propósito pelo qual o livro foi escrito e a apresentação das personagens Christine, Dama Razão, Dama Retidão e Dama Justiça. Os seus questionamentos tratam das restrições com as quais as mulheres precisaram lidar no espaço social da cidade e de como essas restrições impediram ou dificultaram o acesso e a permanência das mulheres em posições de liderança, seja

enquanto idealizadoras, gestoras ou defensoras desse espaço. Ela também traz exemplos de mulheres que alcançaram posições de liderança e que tiveram sucesso em suas atuações, apesar de terem sido duramente criticadas (VARGAS MARTINEZ, 2009, p. 33).

Nesse sentido, o Livro I é bastante esclarecedor, pois Pizan introduziu as suas indagações sobre si mesma e sobre o contexto histórico no qual ela viveu. O seu inconformismo não se tratava apenas de algo pessoal, de uma mulher que se incomodava ao ver as outras mulheres continuamente inferiorizadas, mas de um questionamento mais amplo, que implicava questionar o que era visto como legítimo e quem detinha o poder da escrita. Ela escreveu assim: “filósofos, poetas e moralistas, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício” (PIZAN, 2012, p. 52), direcionando a sua crítica aos homens esclarecidos e renomados que sustentaram discursos antifemininos. O que podemos observar quando Christine de Pizan narrou:

[...] procurei examinar na minha alma e consciência se o testemunho reunido de tantos homens ilustres poderia ser verdadeiro. Mas, pelo meu conhecimento e experiência e por mais que examinasse profundamente a questão, não conseguia compreender, nem admitir a legitimidade de tal julgamento sobre a natureza e a conduta das mulheres. Mesmo assim, continuei pensando mal das mulheres, dizendo-me que seria muito grave que tantos homens ilustres, tantos doutores importantes, do mais alto e profundo entendimento, com tanto esclarecimento – pois acredito que todos tenham sido assim - pudessem ter falado de maneira tão enganosa, e em tantas obras (PIZAN, 2012, p. 52).

O Livro I inicia com Christine falando sobre um *insight* que teve ao ler “As lamentações de Mateolo”, um longo poema escrito no século XIII e traduzido no século XIV, que provocou escândalo na época da autora². O que a fez se perguntar “quais poderiam ser as causas e motivos que levaram tantos homens, clérigos e outros, a maldizerem as mulheres e a condenarem suas condutas em palavras, tratados e escritos” (PIZAN, 2012, p. 52). Pouco a pouco, as respostas para esses questionamentos são apresentadas, o que nos possibilita pensar que Pizan construiu uma narrativa baseada na sua escolha de perguntas específicas que levariam a respostas específicas. Esse diálogo estabelecido ao decorrer da obra, ou seja, essa troca de perguntas e respostas, contribui

² Ver notas de rodapé: BROCHADO, Cláudia Costa, A Querelle des femmes e a política sexual na Idade Média. Revista Brathair, v. 19, n. 2, maio 2020, p. 29.

para que possamos entender a linha de raciocínio da autora e elaborar as nossas próprias interpretações.

A autora ainda escreveu: “era quase impossível encontrar um texto moral, qualquer que fosse o autor, sem que antes de terminar a leitura não me deparasse com algum capítulo ou cláusula repreendendo as mulheres” (PIZAN, 2012, p. 53). Ao que ela acrescentou: “apenas esta razão, breve e simples, me fazia concluir que tudo isso havia de ser verdade, apesar do meu intelecto, na sua ingenuidade e ignorância, não conseguir reconhecer esses grandes defeitos em mim própria nem nas outras mulheres” (PIZAN, 2012, p. 53). Christine de Pizan questiona que as obras antifemininas, escritas por homens que tinham acesso a educação, a levaram a duvidar de si mesma e despertaram nela pensamentos negativos em relação a outras mulheres. Como exemplo da sua crítica temos esse trecho em que ela mencionou a referida obra “As lamentações de Mateolo”:

[...] Na manhã seguinte, retornando como de costume ao meu gabinete, não esqueci de colocar em prática minha decisão de retornar à leitura do livro de Mateolo. Pus-me a lê-lo. Avancei um pouco a leitura. Mas, o assunto parecendo-me tão pouco agradável –, aliás, para qualquer um que não se deleita com calúnias –, e sem contribuir em nada à edificação moral nem à virtude, considerando ainda a desonestidade da linguagem e dos temas por ele tratados, folheei-o aqui, ali, li o final, e, em seguida, abandonei-o para voltar a outros estudos mais sérios e de maior utilidade (PIZAN, 2012, p. 51-52).

A sua crítica a autores que eram muito lidos e cujas obras eram influentes no momento que escreveu, como Jean de Meung e Ovídio, a inseriu em uma importante movimentação literária levantada na sua época, chamada posteriormente de “querela das mulheres”, tema que veremos mais à frente. Nesse debate, ela defendeu a importância da participação feminina na sociedade e foi fortemente criticada por isso, seja por meio da dureza dos comentários a respeito do seu posicionamento seja por meio do ataque a sua imagem pessoal. Sua inserção nessa movimentação literária, caracterizada pela publicação de várias obras que falavam sobre as mulheres a partir de diferentes pontos de vista, teve grande impacto sobre a autora.

Por isso, Pizan organizou um dossiê e enviou-o juntamente com uma carta à Isabel da Baviera, rainha da França, e ao bispo de Paris, Guillaume de Tignonville. O envio desses registros coletados pela autora, em um primeiro momento da querela das mulheres, para duas pessoas em posições de liderança na França, foi uma das suas importantes contribuições para que esse debate em torno da participação feminina na sociedade se

ampliasse, já que além de informar essas duas lideranças sobre o que estava acontecendo, ela também solicitou a ajuda e o envolvimento de ambas as personalidades neste debate (VARGAS MARTINEZ, 2009, p. 27).

Capítulo 1: Uma cidade feita de gestos e palavras

A escrita sutil da autora medieval Christine de Pizan trouxe para a querela das mulheres questionamentos objetivos feitos por ela, tendo como exemplo a sua crítica a autores renomados e com amplo acesso ao conhecimento que sustentaram em suas obras literárias a inferioridade das mulheres em relação aos homens. Não podemos esquecer que no período medieval a vida era compreendida a partir de uma perspectiva cristã, assim, o significado da existência humana e das relações sociais era associado à moral e às virtudes cristãs. Embora não seja tema deste trabalho, é fundamental entender que no período medieval existia essa compreensão coletiva da vida, pois é por meio desse entendimento que conseguimos situar a autora em seu contexto histórico (BROCHADO, 2020, p. 63-89). Por exemplo, ela questionou em sua obra “A Cidade das Damas” autores antifemininos que alegaram uma inferioridade biológica das mulheres e, para fazer isso, ela utilizou como um dos seus argumentos a alegação de que as mulheres são fruto da criação divina assim como os homens. Ela apresentou também, de forma clara e didática, a contradição nos discursos antifemininos desses autores antigos ou contemporâneos seus, como Aristóteles (385 a. C. – 323 a. C.) e Jean de Meung³ (1250-1305).

A abrangência e a profundidade da obra “A Cidade das Damas” refletem também o amadurecimento do posicionamento da autora, já que ela conseguiu analisar de forma crítica um maior número de publicações que atacavam simbolicamente as mulheres (VARGAS MARTINEZ, 2009, p. 28). Outra característica interessante sobre a obra é que a autora escolheu reconhecer a sua posição de aprendiz ao longo de toda a narrativa, o que diferencia o seu posicionamento frente às narrativas antifemininas. Além disso, ela construiu com a sua escrita uma cidade onde a existência feminina ganhou outros significados, pois ela falou sobre a vida das mulheres de perspectivas diferentes daquelas que foram sustentadas pelo discurso antifeminino de muitos escritores, o que possibilitou uma interpretação mais ampla da experiência das mulheres ao longo do tempo.

³ Jean de Meung foi um poeta francês da Idade Média que deu continuidade a obra *Roman de la Rose* (*O Romance da Rosa*), iniciada por Guilherme de Lorris. Entretanto, a segunda versão “perde a poética e ganha o discurso moralista”, além de possuir um “discurso antifeminino que polariza as opiniões sobre o tema e atiza o debate relativo à natureza feminina” (BROCHADO, Cláudia Costa. A Querelle des femmes e a política sexual na Idade Média. Revista Brathair, v. 19, n. 2, maio 2020, pág. 78).

Outro recurso presente na obra “A Cidade das Damas” é a legitimação dos seus argumentos a partir da relação entre estes e a vontade divina, em que a autora apresentou Christine como aprendiz das três damas coroadas: Dama Razão, Dama Retidão e Dama Justiça, que seriam as responsáveis por transmitir os conselhos e as vontades divinas. Assim, existem diferentes momentos na narrativa nos quais Christine recorre a Deus para guiar as suas inquietações, o que podemos perceber tanto nos questionamentos que ela faz a si mesma quanto nos diálogos que ela estabelece com as três damas coroadas. Como exemplos disso temos a sua reflexão sobre o motivo de Deus ter criado a mulher, “uma obra tão abominável, na qual, segundo a opinião daqueles autores, reside todos os males e vícios” (PIZAN, 2012, p. 53), e a sua pergunta: “Ah! Deus, como isso é possível? Como acreditar, sem cair no erro, que tua infinita sabedoria e perfeita bondade tenham podido criar alguma coisa que não fosse completamente boa? (PIZAN, 2012, p. 53). Outro exemplo da relação que a autora mostra entre os seus argumentos e a vontade divina é o trecho em que as três damas coroadas aparecem para Christine:

[...] Abatida por esses pensamentos tristes, eu baixava a cabeça de vergonha. Os olhos repletos de lágrimas, a face na mão, apoiava-me no braço da poltrona, quando repentinamente vi descer no meu colo um feixe de luz, como se fosse um raio de sol penetrando ali naquele quarto escuro, onde o sol nunca poderia entrar naquela hora, então despertei-me em sobressaltos, como quem acorda de um sono profundo. Erguendo a cabeça para olhar de onde vinha aquele clarão, vi elevarem-se diante de mim três damas coroadas, de quão alta distinção (PIZAN, 2012, p. 54).

Conforme conversam com Christine, as três damas coroadas mostram que nem mesmo os maiores filósofos foram capazes de distinguir o certo do errado e estão suscetíveis a contradições. Elas também defendem que as melhores coisas são aquelas que podem ser discutidas e debatidas. Ao que aconselham Christine a aproveitar os escritos que recriminam as mulheres para utilizá-los a seu favor, a orientando para que ela consiga erguer uma cidade sustentada com bons fundamentos. A aparição das três damas coroadas na obra e o diálogo delas com Christine simbolizam a possibilidade de construir a Cidade das Damas, quando a Dama Razão fala, por exemplo:

[...] Há uma razão ainda mais particular e mais importante para nossa vinda, que saberás através do nosso diálogo: deves saber que foi para afugentar do mundo este erro no qual caíste, para que as damas e outras mulheres merecedoras possam a partir de agora ter uma fortaleza onde se retirem e se defendam contra tão numerosos agressores (PIZAN, 2012, p. 59).

Embora na narrativa nem todas as mulheres tenham lugar na cidade, mas apenas aquelas de renome e louváveis, ou seja, as virtuosas, isso pode ser compreendido como uma expressão do contexto histórico específico do medievo, pois, como foi mencionado anteriormente, nesse período o imaginário coletivo era cristão e era essa vida cristã que dava sentido à existência humana e às relações sociais. Assim, é importante pensar que as virtudes associadas às mulheres ao longo da obra são uma expressão das expectativas e dos comportamentos próprios daquele contexto histórico, ou seja, próprios da moral cristã. Portanto, o motivo para que nem todas as mulheres tenham lugar na narrativa se relaciona com o contexto histórico da autora e, conseqüentemente, com as condições relacionadas a sua escrita. Com essa atenção especial, podemos entender como a obra “A Cidade das Damas” representa o seu mais importante posicionamento na querela das mulheres, pois neste momento a natureza e as condutas femininas foram publicamente questionadas e o significado que ela trouxe de uma cidade física e imaginária, que representava uma verdadeira fortaleza para estas, foi o seu argumento em defesa do sexo feminino.

Para aprofundarmos no simbolismo da sua obra, vamos conhecer melhor as três damas coroadas. A primeira que é apresentada, a Dama Razão, traz para as primeiras etapas da construção a capacidade de julgar e de discernir, para garantir a defesa e a longevidade da nova cidade. Enquanto a segunda, a Dama Retidão, é vista como a mensageira da bondade, aquela que frequenta os justos e os encoraja a fazer o bem, sendo o escudo e a defesa daqueles que servem a Deus. A terceira, a Dama Justiça, é “a filha predileta de Deus” e seu único dever é julgar, distribuir e dar a cada um o que ele merece. As três damas coroadas se complementam e dependem uma da outra, assim, as tarefas e as etapas que são propostas pela primeira, são organizadas e aplicadas pela segunda dama, para que a terceira possa dar o acabamento e concluir.

Esse diálogo entre Christine e as três damas coroadas é um aspecto muito rico da obra, já que existe essa troca frequente entre aquela que pergunta, Christine, e aquelas que orientam, as três damas coroadas. O que é possível notar, por exemplo, no diálogo entre Christine e a Dama Razão, quando elas iniciam a construção da Cidade das Damas, que Ana Vargas (2009) descreve como a conversa entre duas amigas que dialogam enquanto trabalham. Nessas conversas aparecem assuntos que estavam em questão no contexto em que a autora escreveu e que diziam respeito à atuação das mulheres na

sociedade (VARGAS MARTINEZ, 2009, p. 32). Temos como exemplo dessas conversas os seguintes trechos:

[...] Dama, lembro-me do que dissestes agora a pouco, acerca de todos aqueles homens que maldisseram tão severamente os costumes das mulheres, condenando-as em massa: mais o ouro demora na fusão mais ele fica fino. Deve-se entender com isso que quanto mais elas são condenadas sem motivo, maior é o mérito de sua glória. Dizei-me, vos peço, por que tantos autores as maldizem em suas obras? O que os motiva? Pois, vós já me fizestes entender que eles estão errados. Será que é a Natureza que os leva a isso ou será que o fazem por ódio? Como isso acontece?

Ela respondeu-me assim: Filha, para te encorajar a cavar mais profundamente, a primeira escavação será minha. Saiba que isso não vem de Natureza, ao contrário, pois, não existe nenhum laço terrestre mais forte do que esse amor que ela criou, por vontade divina, entre o homem e a mulher (PIZAN, 2012, p. 66).

Assim, na obra “A Cidade das Damas” Pizan defende que as mulheres participem da construção da cidade para que ela seja um espaço seguro, já que a escolha de construir uma cidade com palavras não foi uma escolha banal da autora, mas sim uma escolha simbólica e política, levando em conta que a cidade é um espaço social, de convivência, e a política é fruto das relações firmadas e mediadas nesse espaço (CABRÉ PAIRET, 2006, p. 39-53). Nesse sentido, aprofundar no Livro I, que é o espaço onde ela introduz o seu posicionamento em defesa das mulheres, é de grande importância, pois ela está apresentando e questionando escritores antifemininos e as suas obras. Além disso, como vimos, nele está a introdução das suas indagações e o motivo dela tê-lo escrito, bem como a apresentação das personagens. Portanto, quando a autora escreveu em sua obra sobre uma cidade projetada para as mulheres, ela defendeu o acesso das mulheres ao espaço social da cidade e a possibilidade de gestão deste espaço por elas. A sua obra contribui também para o entendimento das mulheres enquanto cidadãs e para a defesa de que elas sejam participantes ativas da vida política, já que trazer exemplos de mulheres que contribuíram de maneiras diversas para a sociedade foi um meio que a autora encontrou para defender a natureza e a conduta das mulheres a nível coletivo, ou seja, o que hoje chamaríamos de público (CABRÉ PAIRET, 2006, p. 39-53).

Ainda, Christine de Pizan “[...] convierte su experiencia personal en una fuente de inspiración e influencia constante para sus escritos” (VARGAS MARTINEZ, 2009, p. 38), o que possibilitou que ela construísse uma narrativa que conectasse a história de diferentes mulheres, como uma espécie de mosaico que reflete uma imagem por meio da

união de diferentes fragmentos. O que distingue o seu trabalho, em grande medida, da representação estereotipada das mulheres enquanto pessoas submissas, manipuladoras ou violentadas. Nesse sentido, quando a autora escreveu sobre mulheres com experiências diversas, ela humanizou a representação feminina, mostrando tanto a particularidade de cada experiência quanto as semelhanças entre elas. Portanto, o uso da sua experiência pessoal como fonte de inspiração para escrever “A Cidade das Damas” pode ser entendido também como a sua marca na querela das mulheres, já que essa obra serviu de referência e parâmetro para os textos que foram publicados em seguida (VARGAS MARTINEZ, 2009, p. 42).

Capítulo 2: Christine de Pizan e a política do seu tempo

O contexto histórico em que Christine de Pizan escreveu “A Cidade das Damas” se caracterizou pelo crescimento de publicações, em formato de texto, que tinham as mulheres como tema principal. Esse amplo debate literário trouxe perspectivas tanto positivas quanto negativas sobre o sexo feminino e foi nomeado posteriormente de “a querela das mulheres”, contando com um grande volume de obras escritas por mulheres e homens na Idade Média. Porém, naquele momento, as obras em ataque ao sexo feminino, que entendemos como misóginas nos termos de hoje, parecem ter sido publicadas em maior quantidade e escritas por autores com mais poder, por isso a visão que aparentemente prevaleceu quando o conhecimento se instituía nas universidades foi de que as mulheres eram inferiores aos homens. Isso pode ter dificultado mais ainda o acesso das mulheres às universidades e pode ter relação com o posterior esquecimento das obras de autoria feminina, como as de Trótula de Salerno ou de Christine de Pizan. (BROCHADO, 2020, p. 63-89). Buscaremos entender mais adiante, a partir de diferentes perspectivas, como esse contexto histórico influenciou a escrita da autora e como ele envolve questões sociais que aparecem em outros contextos históricos e que também se relacionam com a memória, o corpo e a identidade femininos.

Da perspectiva de uma análise literária, Lucimara Leite (2008) apontou que durante os séculos XII e XIII observou-se um aumento da preocupação dos eruditos em relação à educação e ao comportamento de homens e mulheres. Segundo ela, “essa preocupação pode ser constatada pela quantidade de textos em formato de *exemplum* e *speculum* (*miroir*) que surgem nessa época” (LEITE, 2008, p. 18). Em que os dois formatos visavam a educação por meio do comportamento, mas apresentavam divergências entre si:

[...] Poderíamos dizer que o *espelho* apresenta modelos de comportamento que devem ser refletidos e copiados, desde os atos mais simples do cotidiano até aqueles que estavam voltados a uma formação mais ampla e geral. Já o *exemplum* é uma série de histórias, geralmente curtas, que servem para induzir a pessoa que as escuta ou lê a seguir o modelo apresentado (LEITE, 2008, p. 22-23).

Nesse sentido, o objetivo dos textos escritos no formato *espelho* parecia ser a apresentação de comportamentos nos quais as pessoas pudessem se inspirar e agir por meio da cópia e da reprodução dos atos cotidianos de outras pessoas, enquanto o dos textos no formato *exemplum* parecia ser a construção de narrativas que fizessem as

pessoas descobrirem possibilidades para si, já que a escrita tornaria possível que elas conhecessem, por meio da leitura ou da escuta de textos, referências a seguir, caso quisessem. Segundo Leite (2008), a divergência entre esses dois formatos pode ser entendida por meio das obras “A Cidade das Damas” e “O Livro das Três Virtudes”, ambas escritas por Christine de Pizan, já que na primeira a autora construiu a narrativa com histórias curtas de mais de cem mulheres que ela apresentou como importantes referências, fazendo uso do *exemplum* para isso, enquanto na segunda a autora escreveu sobre o cotidiano das mulheres francesas a partir do seu ponto de vista, fazendo uso do formato *espelho* (LEITE, 2008, p. 23).

Outra observação feita por Lucimara Leite (2008) é que o uso do *exemplum* pode ser situado tanto na antiguidade quanto no período medieval, porém ela sinaliza em seu artigo que existia uma relação diferente estabelecida com o passado em cada um desses dois períodos e que o *exemplum* assumiu significados diferentes durante eles. No caso da antiguidade, as narrativas construídas expressavam uma relação com o passado em que a figura do herói assumia grande importância, pois o intuito era “rememorar o passado glorioso que funda o presente” (LEITE, 2008, p. 52), enquanto no período medieval as narrativas estabeleciam uma relação com o passado em que o narrador e as suas fontes ganharam uma maior atenção, porque a intenção naquele momento era “obter uma prova de autenticidade, de veracidade, pois a narrativa, nesse caso, era vista como um acontecimento verdadeiro e real” (LEITE, 2008, p. 52).

A partir disso, podemos refletir sobre como as narrativas construídas na antiguidade e no período medieval representavam a realidade de maneiras diferentes, já que a relação com o passado mudou de acordo com cada período histórico e, conseqüentemente, os significados que as narrativas assumiram em cada um deles também mudou. Podemos entender essa reflexão um pouco melhor por meio da comparação entre o *exemplum* antigo e o *exemplum* medieval:

[...] Não importa sua identidade no *exemplum* medieval, se é homem ou mulher. O importante é que seja cristão, porque o fundamental é o exemplo transmitido por sua história, e não o personagem. A credibilidade da história não vem do herói, do personagem principal ou da narrativa, mas da qualidade do narrador e de sua fonte (LEITE, 2008, p. 52).

Então, enquanto no *exemplum* antigo o foco estava no herói, no personagem principal ou na narrativa, ou seja, na construção de um texto que exaltasse a história do

passado que possibilitou a existência do presente, no *exemplum* medieval o foco estava nas escolhas feitas pelo/a narrador/a, ou seja, nas histórias que ele/a escolhia contar como exemplo a partir das fontes a que tinha acesso. Nesse sentido, a qualidade da narrativa era avaliada a partir de parâmetros diferentes e tinha objetivos diferentes. O que podemos pensar a partir disso e do entendimento sobre o *exemplum* medieval, é que a obra “A Cidade das Damas” pode se relacionar com esse formato narrativo e possivelmente com os debates relacionados a esse tipo de texto.

Segundo Leite (2008), Christine de Pizan faz uso desse formato na obra quando traz exemplos de mulheres reconhecidas pela sua importância na história, como é o caso das santas, das rainhas e das mulheres que aparecem na mitologia, além dos momentos em que ela cita autores antigos para sustentarem as suas ideias, de modo que esse conjunto de pessoas simboliza exemplos a serem seguidos ou não (LEITE, 2008, p. 56). Embora seja apresentado de forma superficial neste trabalho, o entendimento acerca do *exemplum* em suas diferentes expressões, antiga e medieval, é interessante para se pensar sobre o significado da narrativa em cada um desses contextos históricos e para melhor situar a obra “A Cidade das Damas” de um ponto de vista literário.

Da perspectiva de uma análise histórica, Milagros Rivera (2005) explicou as duas principais formas de relação que podemos reconhecer durante o medievo e onde podemos identificar os sexos biológicos como parâmetro, que seriam a relação dos sexos e a relação entre os sexos. Para ela, a relação dos sexos seria a forma que cada pessoa, seja mulher ou homem, lida consigo mesma/o em determinado contexto histórico, ou seja, lida com o fato de ser mulher ou de ser homem de acordo com os significados atribuídos ao feminino e ao masculino naquele momento. Enquanto a relação entre os sexos seria a maneira que cada pessoa se relaciona com as pessoas do outro sexo. Nesse caso, como os parâmetros são os sexos biológicos feminino e masculino, se refere a como as mulheres se relacionam com os homens em um determinado contexto histórico, e vice-versa (RIVERA GARRETAS, 2005, p. 95-96).

Embora não sejam aprofundadas aqui as questões de gênero e sexualidade da maneira que entendemos hoje, é importante mencionar que a compreensão que existia sobre os sexos biológicos feminino e masculino e sobre as relações humanas durante a Idade Média é diferente da compreensão que temos na contemporaneidade, por isso é

essencial identificar quais questões estavam em discussão naquela época e quais apareceram em debates posteriores.

Da perspectiva de uma análise filosófica, Prudence Allen (1985) elaborou três teorias para explicar a política sexual, que ela entende como “as relações de poder entre os homens e as mulheres em função do sexo, vendo-as como anteriores a quaisquer outras, mesmo havendo diferenças conforme tempo e cultura” (ALLEN, 1985, *apud* BROCHADO, 2020, p. 68). Essas três teorias, chamadas: teoria da complementaridade dos sexos, teoria da polaridade dos sexos e teoria da unidade dos sexos, tornaram possível pensar a política sexual e perceber como ela se expressava na Idade Média (BROCHADO, 2020, p. 69-89).

Segundo Rivera (2005), a “teoria da complementaridade dos sexos”, explica que durante o século XII e boa parte do século XIII prevaleceu na Europa um entendimento de que as mulheres e os homens eram diferentes por natureza, mas iguais em valor, e esse reconhecimento de que existiam diferenças entre os sexos feminino e masculino não pressupunha uma hierarquia. Como nesse momento não se enxergava um dos sexos como melhor do que o outro, predominava um entendimento de que ambos os sexos eram importantes e complementares para a existência humana. Isso contribuiu para uma maior liberdade na vida das mulheres, pois houve a expansão de movimentos políticos e sociais dirigidos por mulheres e o reconhecimento das mulheres enquanto figuras de autoridade, tendo como exemplos Hildegarda de Bingen (1098-1179) e Herralde de Hohenbourg (1130-1195) (RIVERA GARRETAS, 2005, p. 95-98).

Entretanto, a partir do século XIII houve um enfraquecimento do olhar para os sexos feminino e masculino enquanto complementares. O que é explicado por Rivera (2005) como uma consequência do fortalecimento de um setor conservador da Europa nesse período, que tinha grande poder sobre as universidades – “uma instituição decisiva na transmissão do conhecimento” (RIVERA GARRETAS, 2005, p. 98). Já que a decisão da Universidade de Paris, em 1255, de que as obras de Aristóteles fossem obrigatoriamente lidas, gerou um impacto não apenas sobre os que ali estudavam, mas sobre a educação de uma maneira mais ampla, pois, mais à frente, outras universidades europeias seguiram o seu modelo (RIVERA GARRETAS, 2005, p. 98).

As obras de Aristóteles, escritas na Grécia do século IV, antes da Era Cristã, passaram a ser lidas e interpretadas nas universidades, aparentemente sem levar em conta o contexto histórico em que elas foram escritas, o que refletiu, posteriormente, na publicação de obras que sustentavam que os homens e as mulheres eram substancialmente diferentes e que os homens eram superiores às mulheres (RIVERA GARRETAS, 2005, p. 98-99). Como um desdobramento desse processo, se expandiu na Europa uma nova maneira de enxergar as relações humanas, que é explicada pela “teoria da polaridade dos sexos” (RIVERA GARRETAS, 2005, p. 98).

Essa teoria se caracterizou pela desconsideração da diferença sexual, que seria essa diferença biológica e complementar existente entre homens e mulheres, e pela defesa de que as mulheres eram inferiores aos homens. Chamada por Prudence Allen de Revolução Aristotélica, essa disseminação das ideias de Aristóteles seguida de um olhar hierarquizado sobre as relações humanas, que desfavorece o sexo feminino, abriu espaço para a publicação de uma grande quantidade de obras literárias hostis às mulheres, as que mencionamos anteriormente, e gerou consequências. Dentre elas, como coloca Rivera, a diminuição da autoridade feminina, que diz respeito ao reconhecimento por parte da sociedade de que as mulheres também são referenciais a serem seguidos. Além disso, com a redução dessa autoridade, provocada em grande parte pelas publicações antifemininas, os espaços de atuação das mulheres que ocupavam posições de influência também foram comprometidos. Para citar algum exemplo podemos mencionar a redução da participação feminina nos monastérios (RIVERA GARRETAS, 2005, p. 98-99).

Já no começo do século XIV, o fortalecimento das ideias trazidas pela referida Revolução Aristotélica coincidiu “com o começo da difusão, na Itália primeiro e no resto da Europa depois, do movimento cultural e político laico que ficou conhecido como Humanismo” (RIVERA GARRETAS, 2005, p. 99). Como apresenta Rivera (2005), o Humanismo “é considerado, pela historiografia científica, de progresso para a humanidade, embora a historiadora feminista Joan Kelly, em um texto já clássico, considerou de progresso para os homens e de retrocesso para as mulheres” (MILAGROS RIVERA, 2005, p. 99). Embora o entendimento sobre Humanismo não seja aprofundado aqui, os debates a respeito dele e do Renascimento parecem importantes para compreender os desdobramentos da obra de Christine de Pizan. O primeiro por ter introduzido na Europa uma nova maneira de ver as relações humanas (MILAGROS

RIVERA, 2005, p. 99-100) e o segundo por representar um momento, entre os anos 1400 e 1600, de profunda agitação e mudança na cultura, política, arte e sociedade da Europa, que pode ser entendido tanto como um período na história quanto como um conjunto de ideias que estimulou uma renovação cultural (BROTTON, 2006, p. 9).

Essa nova maneira de ver as relações humanas, como apresenta Rivera (2005), pode ser entendida por meio da terceira teoria elaborada por Prudence Allen para compreender a política sexual na Idade Média. A “teoria da unidade dos sexos” explica uma tendência que passou a predominar na Europa, mas que não deixou de conviver com as outras tendências já mencionadas, que se caracteriza pelo entendimento de que os homens e as mulheres são iguais por natureza e em valor. Essa tendência seria a base para o princípio da igualdade dos sexos, que surgiu na modernidade e que se desdobra até a contemporaneidade (RIVERA GARRETAS, 2005, p. 99-100). O que se observa, porém, é que, quando a diferença sexual foi desconsiderada, houve uma perda para as mulheres, pois “[...] de un mundo mirado desde el régimen del dos, se pasa a um mundo mirado desde el régimen del uno: al neutro pretendidamente universal” (RIVERA GARRETAS, 2005, p. 100).

O que podemos interpretar até aqui, é que, embora a tendência da polaridade dos sexos tenha ocasionado danos às relações humanas, pois provocou a redução da autoridade e dos espaços de atuação femininos, como vimos anteriormente, a consolidação do princípio da igualdade dos sexos pode ter aprofundado esses danos, não apenas às mulheres, mas à vida em sociedade de modo geral, pois as ideias humanistas parecem ter contribuído para a desconsideração, e o posterior esquecimento, de autoras que registraram os seus posicionamentos sobre a vida em sociedade, ou seja, que pensaram as relações humanas de um ponto de vista feminino.

Como resposta às publicações antifemininas fomentadas pela Revolução Aristotélica surgiu a *Querelle des Femmes*, a querela das mulheres, “uma manifestação que coloca as mulheres no centro dos debates, trazendo a dialética entre textos de crítica e de defesa do sexo feminino” (BROCHADO, 2020, p. 63). Tais textos, que tinham como tema as mulheres, passaram a circular em maior peso a partir do século XIV e eram textos escritos tanto por homens em crítica às mulheres quanto por homens e mulheres em defesa

do sexo feminino. Foi nesse cenário que a obra “A Cidade das Damas”, da franco-italiana Christine de Pizan, representou um dos principais exemplos de defesa feminina.

Os assuntos debatidos nesse momento diziam respeito a vida das mulheres e extrapolaram o medievo, alcançando os debates dos contextos históricos seguintes. Temos como um exemplo disso o que vimos a partir da bibliografia complementar, a respeito da política sexual na Idade Média, que nos possibilita pensar os sexos biológicos feminino e masculino enquanto um dos principais parâmetros para organizar as relações humanas, ou seja, enquanto parâmetros que delimitaram como seria a participação das pessoas na sociedade.

Outra percepção feita durante a realização desta pesquisa é que o aparente desconhecimento da autora Christine de Pizan pelo público geral, que foi observado, mas que não foi objeto central deste trabalho, parece ter relação com uma forma específica de esquecimento, que não diz respeito aos efeitos que o tempo provoca no corpo, como no processo de envelhecimento, que é natural esquecer algo que um dia foi importante, mas de um esquecimento coletivo, que se relaciona com as lutas de poder que se expressam de maneiras diferentes em cada contexto histórico e que dizem respeito à apropriação da memória e do esquecimento (JORNET I BENITO, 2006, p. 18). Se lermos as obras das autoras medievais que dialogam com as de Christine de Pizan, podemos perceber que existiu um debate sobre as mulheres no medievo e reconhecer que os efeitos deste debate perduram até hoje, o que nos ajuda a compreender que tipo de esquecimento é esse.

É possível entender atualmente que “uma suposta dominação masculina inquestionável, frente a um suposto silêncio feminino na história, não é um argumento sustentável” (BROCHADO, 2020, p. 64) e temos condições de buscar o entendimento a respeito dos motivos de autorias femininas terem sido questionadas e esquecidas em diferentes contextos históricos, fazendo perguntas como: “teriam sido as autoras desses textos desconhecidas em seu tempo? A quem interessava o que escreviam, já que escreviam e muitas vezes publicavam? Por fim, onde as situamos, em que tradição?” (BROCHADO, 2020, p. 64)

Embora não seja uma questão aprofundada aqui, foi percebido que a obra “A Cidade das Damas” é uma fonte histórica relevante para contribuir para o debate

contemporâneo a respeito da violência contra as mulheres⁴. Podemos pensar isso porque Christine de Pizan construiu nesse livro uma narrativa que trata de temas próprios da vida das mulheres, em que a violência é apenas um dos vários temas alcançados por ela. Apesar dessa possibilidade de fazer aproximações entre os temas que aparecem na fonte “A Cidade das Damas” e os que se assemelham nos tempos atuais, buscamos aprofundar no contexto histórico de Pizan para entender as diferentes interpretações e significados em torno do seu posicionamento. Além disso, se olharmos para suas outras obras, podemos reconhecer a diversidade de questões trabalhadas pela autora no que diz respeito à história das mulheres.

⁴ Para entender melhor esse debate ler: OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. Capítulo 10: violência contra as mulheres: cultura histórica, subjetivação e ensino de histórias do possível. Organizado por Edlene Oliveira Silva, Susane Rodrigues de Oliveira e Valeska Zanello. Gênero, subjetivação e perspectivas feministas. Brasília: Technopolitik, 2019.

Considerações Finais

A opção desta pesquisa foi propor uma análise introdutória da obra, com foco no Livro I, que reunisse aspectos gerais sobre Christine de Pizan e a sua obra, bem como apresentasse alguns debates contemporâneos em torno do seu contexto histórico. Nesse sentido, nesta etapa da pesquisa a atenção foi trazida para a representação que foi construída sobre as mulheres por meio do texto. Por algum motivo, essa parece ser a questão mais presente no Livro I, porque nele a autora escreve sobre a sua angústia ao ler vários textos que caluniavam e difamavam o sexo feminino. Assim, podemos perceber que o conteúdo desses textos transmitiu uma imagem negativa em relação às mulheres, que a fizeram duvidar de si mesma e das outras mulheres.

Foi percebido também que, mesmo com uma produção literária com amplo reconhecimento no período medieval e com alcance nos estudos acadêmicos contemporâneos, a autora medieval Christine de Pizan (1364-1430) parece ser pouco conhecida pelo público geral. Entretanto, vimos que é de grande importância que as suas obras sejam mais trabalhadas na contemporaneidade, pois elas trazem várias possibilidades para o ensino, já que são fontes históricas. Além disso, percebeu-se como a escrita de Pizan nos possibilita refletir sobre a construção da memória feminina e como ela pode contribuir para o debate contemporâneo a respeito da violência contra as mulheres.

Outro ponto observado é que precisamos pensar sobre os motivos dessa autora ser pouco trabalhada enquanto referência bibliográfica nos dias de hoje e avaliar a sua presença ou a sua ausência nos currículos da educação básica e do ensino superior. A partir disso, será possível criar condições para trazer as obras de Pizan e a sua experiência enquanto autora para a sala de aula com mais frequência, já que ambas são referenciais históricos muito ricos que podem ser trabalhados em diferentes formatos e níveis de profundidade.

Conclui-se também que o aprofundamento no contexto histórico da autora representou uma etapa fundamental desta pesquisa, pois possibilitou a compreensão de que o posicionamento de Christine de Pizan e o estilo da sua obra se conectam com o debate da querela das mulheres. A partir disso, os principais conceitos e noções encontrados foram: a diferença sexual, a relação dos sexos, a relação entre os sexos, a

política sexual, as três teorias da política sexual (complementaridade, polaridade e unidade), a revolução aristotélica e a querela das mulheres.

A diferença sexual por se referir ao fato de que existem diferenças entre os sexos biológicos feminino e masculino e essas diferenças influenciam como as pessoas se relacionam em sociedade. A relação dos sexos ao dizer respeito a maneira que cada pessoa lida com o próprio sexo de nascimento. A relação entre os sexos ao referenciar a forma que cada pessoa lida com o sexo oposto ao seu de nascimento. A política sexual e as três teorias por contribuírem para o entendimento das relações humanas na Idade Média. A revolução aristotélica por representar uma noção chave para compreender o processo de hierarquização das relações humanas, e a querela das mulheres por caracterizar “um movimento que nasce como debate oral e escrito, e cujo tema são as mulheres” (BROCHADO, 2020, p. 64). Todos eles foram importantes para contextualizar a obra de Christine de Pizan e compreender a relevância do seu posicionamento para o resgate e a ressignificação da memória feminina.

Algumas perguntas que podemos nos fazer a partir do que foi visto até aqui: quais são os motivos das obras de Christine de Pizan serem pouco conhecidas pelo público geral nos dias de hoje? O que pode estar por trás desse esquecimento? Qual é a importância dos seus textos serem lidos?

Se tivermos Pizan como parâmetro, podemos pensar sobre como esse esquecimento pode ser reflexo de fortes críticas à imagem da autora, da redução da circulação das suas obras ou até mesmo de fatores como o próprio tempo. Podemos pensar também sobre como o dar visibilidade aos escritos femininos medievais, e a elaboração de novas interpretações sobre estes, pode abrir possibilidades para repensar o ensino da história. Além da Christine de Pizan (1364-1430), temos também a Trótula de Salerno (1050-século XII), cujos tratados de medicina serviram como referência durante todo o período medieval, e a Marguerite Porete (?-1310), um dos maiores exemplos da mística medieval, para dar dois outros exemplos (BROCHADO, 2020, p. 63-89). Essa atenção necessária para resgatar e incluir mais referências femininas no ensino da história é uma maneira de incentivar a escrita de narrativas historiográficas que alcancem diferentes experiências da vida das mulheres e que possibilitem a construção de novas representações da realidade.

Referências Bibliográficas

Fonte primária:

PIZAN, Christine de. **A Cidade das Damas**. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2012.

Bibliografia:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. Conferência TED Global Ideas Worth Spreading. Inglaterra, Oxford, jul. 2009.

ALLEN, Prudence. **The Concept of Woman: The Aristotelian Revolution**. Montreal-Londres: Eden Press, 1985.

BAUER, Caroline Silveira; NICOLAZZI, Fernando Felizardo. **O historiador e o falsário: usos públicos do passado e alguns *marcos* da cultura histórica contemporânea**. Varia Historia, Belo Horizonte, vol. 32, n. 60, p. 807-835, set/dez 2016.

BENITO, Núria Jornet I. **Capítulo 1: la relación con los recuerdos: la autoridad y el poder de la memoria**. Em RIVERA GARRETAS, M. et al. Las relaciones en la historia de la Europa medieval. Valencia: Editorial Tirant lo Blanch, 2006.

BROCHADO, Cláudia Costa. **As pouco silenciosas monjas medievais**. In: STEVENS, Cristina et. al. (org.). **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.

BROCHADO, Claudia Costa. **A Querelle des femmes e a política sexual na Idade Média**. Revista Brathair, v. 19, n. 2, pp. 63-91, mai. 2020.

BROTON, Jerry. **The Renaissance. A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

CABRE PAIRET, Montserrat. **El otro centenario: La ciudad de las damas y la construcción de las mujeres como sujeto político**. Aljaba, Luján, v. 10, p. 39-53, dic. 2006.

COELHO, Maria Filomena. **Um universo plural: política e poderes públicos na Idade Média (séc. XII-XIII)**. Texto publicado em: TORRES FAUAZ, Armando (ed.). La Edad Media en perspectiva latinoamericana. Heredia: Ed. de la Universidad Nacional de Costa Rica, 2018, p. 133-150.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Colocar-se em palavras: memórias de um percurso íntimo**. Em Estética dos vestígios, Estud. Lit. Bras. Contemp. (40), dez 2012.

DIAS, Belidson. **Acoitamentos: os locais da sexualidade e gênero na arte/educação contemporânea**. Em: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual, v. 4, n. 1 e 2, 2006.

DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira de. **A qualidade da educação: perspectivas e desafios**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 29, n. 78, p. 201-215, maio/ago. 2009.

- KELLY GADOL, Joan. "**¿Tuvieron las mujeres Renacimiento?**". Em AMELANG, J. S. et al. *Historia y Género: las mujeres en la Europa Moderna y Contemporánea*. pp. 93-126. Valencia: 1990.
- KLEINBERG, Ethan; SCOTT, Joan Wallach; WILDER, Gary. **Teses sobre Teoria e História. Coletivo "Wild On"**. Traduzido para o português por Andre de Lemos Freixo e João Rodolfo Munhoz Ohara em maio de 2018.
- LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral da resignação**. Tese (doutorado) Língua e Literatura Francesa e Estudos Medievais - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LUGONES, María. **Colonialidad y género**. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, n. 9: 73-101, julio-diciembre, 2008.
- VARGAS MARTINEZ, Ana. "**La Ciudad de las Damas**" de Christine de Pizan: **Obra Clave de la Querrela de las Mujeres**. *La Querrela de las Mujeres I. Análisis de textos*. C. Segura Graiño coord., Madrid, A. C. Almudayna, 2009.
- MISKOLCI, Richard. **Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à "ideologia de gênero"**. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 53, e185302, 2018.
- OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. **Capítulo 10: violência contra as mulheres: cultura histórica, subjetivação e ensino de histórias do possível**. Organizado por Edlene Oliveira Silva, Susane Rodrigues de Oliveira e Valeska Zanello. *Gênero, subjetivação e perspectivas feministas*. Brasília: Technopolitik, 2019.
- PALTI, Elías. **¿Qué significa "enseñar a pensar históricamente?"**. Clío & Asociados. *La Historia Enseñada*, número 5, 2000, p. 27-42.
- PENNA, Fernando de Araujo; SILVA, Renata C. Aquino da. **As operações que tornam a história pública: a responsabilidade pelo mundo e o ensino de história**. Em MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História pública no Brasil: Sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 167-177.
- RAMALLO, Francisco. **Enseñanzas de la historia y lecturas descoloniales: entrecruzamientos hacia los saberes de otros mundos posibles**. *Revista Entramados - Educación Y Sociedad*, ano 1, número 1, 2014.
- RIVERA GARRETAS, María-Milagros. **La diferencia sexual en la historia**. Valencia: Publicaciones Universidad de Valencia, 2005.
- WUENSCH, Ana Míriam. **O quê Christine de Pizan nos faz pensar**. Em *Revista Graphos: Estudos Medievais*, v. 15, n. 1, 2013.